

Indústria de Campinas contrata 400 em março

MILTON PAES • CAMPINAS

O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) regional de Campinas divulgou a pesquisa de sondagem industrial e o nível de emprego industrial do mês de março.

A sondagem industrial foi elaborada pelo Centro de Pesquisas Econômicas da Facamp (Faculdades de Campinas).

Pelo terceiro mês consecutivo a indústria regional registrou contratações.

Em março foram 400 postos de trabalho com carteira assinada. No acumulado de janeiro a março são 2.300 contratações.

No mesmo período do ano passado, 300 empregos foram gerados.

O vice-diretor do Ciesp Campinas, Jose Henrique Toledo Correa, disse que a mudança na política econômica do Brasil está proporcionando a recuperação da economia e consequentemente uma melhoria do mercado.

“O endividamento das pessoas físicas diminuiu um pouco e houve um aumento do consumo, o que gira a roda da economia.

Com o crescimento do consumo aumenta a atividade industrial e isso gera emprego”, avalia.

Para o economista da Facamp, José Augusto Ruas, é provável que esse ano a geração de empregos seja melhor do que em outros anos, mas talvez não seja o suficiente para recuperar o dinamismo da economia visto até 2013.

“O emprego está voltando, mas a qualidade do emprego, de maneira geral no País e na Região Metropolitana de Campinas, ainda não é dos melhores.

INFORME

Isso faz com que as pessoas que conseguiram emprego agora ainda não se sintam confortáveis para gastar muito, para comprar e para expandir a economia como se imaginava”, disse ele.

Sondagem

A sondagem industrial referente ao mês de março de 2018 teve resultado pior que a de igual mês de 2017. Para 33,3% dos respondentes, as vendas foram superiores a fevereiro deste ano. Para 33,3% o valor de vendas ficou estável e para outros 33,3%, a variação mensal foi inferior.

Em março de 2017, a sondagem apontava que 52,2% das empresas consultadas declaravam aumento nas vendas, 34,8% afirmavam que o valor estava estável e 13% que era inferior.

Com relação a variação mensal dos estoques em março de 2018, 21,4% dos respondentes declararam que reduziram seus estoques, 64,3% afirmaram que eles permaneceram inalterados e 14,3% que os estoques aumentaram no período.

A sondagem ainda aponta que, com relação aos planos de investimento para os próximos 12 meses, nenhum dos respondentes declarou que irá aumentar os aportes, 5,6% afirmaram que irão manter os investimentos e 38,9% afirmaram que não irão investir no período.

Emprego em atacado e serviços tem melhor fevereiro desde 2014

DA REDAÇÃO E AGÊNCIAS • SÃO PAULO

O emprego nos setores de atacado e serviços começa a dar sinais de reação em São Paulo. É o que mostrou levantamento divulgado ontem (26) pela FecomercioSP.

Feito com base em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o estudo indicou que, pelo segundo mês seguido, ambos os setores geraram emprego com carteira assinada no Estado e registraram o melhor fevereiro desde 2014, com 849 novos postos no atacado e 33,7 mil no setor de serviços.

INFORME

Apesar da melhora, os setores estão longe do patamar anterior à crise.

No comércio atacadista, os 849 postos de trabalho criados em fevereiro deste ano são resultado de 15.317 admissões e 14.468 desligamentos.

O setor encerrou o mês com um estoque ativo de 499.804 vínculos. Na comparação com fevereiro do ano passado, o mercado de trabalho no atacado avançou 1,7%.

No setor de serviços, em fevereiro, foram abertas 33.749 novas vagas, resultado de 205.997 admissões e 172.248 desligamentos.

No saldo acumulado durante os últimos doze meses, pouco mais de 19 mil vínculos celetistas foram criados, o que representa uma alta de 0,5% no estoque de trabalhadores em relação a fevereiro de 2017, a quinta taxa positiva consecutiva.

Mesmo com dados mais positivos, o assessor econômico da FecomércioSP, Jaime Vasconcelos, aponta que “ainda vai demorar anos” para os setores retomarem ao patamar pré-crise.

No setor de serviços, o saldo em fevereiro de 2014 foi de 2,8 mil empregos criados. Já no comércio atacadista, no fevereiro pré-crise foram criados 57,4 mil vagas.

Dentro do atacado, os principais impactos positivos no mês foram as criações de vagas nas atividades de alimentação e bebidas, com alta de 2,5% ante igual período do ano passado e produtos farmacêutico e de higiene pessoal, que teve alta de 3,0% ante fevereiro de 2017.

Segundo Vasconcelos, o avanço indica que as pessoas estão retomando o padrão de consumo de bens essenciais, o que eleva a demanda por trabalhadores.

No setor de Serviços, Vasconcelos explica que o resultado de fevereiro é impulsionado pelos serviços educacionais em decorrência do início do ano letivo, porém, o avanço em 12 meses demonstra uma retomada.

(Fonte: DCI – 27/04/2018)

INFORME

A maioria dos trabalhadores tem aumento real

87,1% dos acordos e convenções salariais concluídos no período asseguraram ganhos reais para os trabalhadores

O Estado de S.Paulo

O primeiro trimestre de 2018 foi o melhor para os trabalhadores desde 2014. Reportagem publicada pelo **Estado** mostrou que nada menos do que 87,1% dos acordos e convenções salariais concluídos no período asseguraram ganhos reais para os trabalhadores. Foi a primeira vez, em dez anos, que houve combinação de inflação baixa e reposição real de vencimentos, notou o professor Hélio Zylberstajn, da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Salariômetro da Fipe, pesquisa mensal sobre o resultado de milhares de negociações entre patrões e empregados.

Para uma inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de 1,9% no primeiro trimestre, os reajustes foram, em média, 0,9 ponto porcentual superiores. Em março de 2018, o reajuste mediano nominal foi de 2,5%. Ou seja, as correções de salário são modestas, mas suficientes para evitar a corrosão de rendimentos.

Com a inflação baixa graças aos preços de itens básicos, como alimentos, os trabalhadores podem perceber melhor a preservação do poder aquisitivo dos salários.

Os números do primeiro trimestre analisados pela Fipe baseiam-se em dados do governo federal e representam a média de acordos e convenções. As variações acima ou abaixo da média se explicam porque em alguns segmentos da atividade econômica a recuperação é mais forte e correções salariais reais são mais facilmente negociadas. É o que relata o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Artefatos de Borracha e Pneumáticos de São José do Rio Preto e Região, Marcio Antonio Vieira: o reajuste negociado por dez empresas da área foi de 6%. “Foi um grande feito”, reconheceu Vieira.

Os efeitos da nova legislação trabalhista sobre as negociações ainda são mal conhecidos. Em alguns casos, segundo o economista Clemente Ganz Lúcio, diretor do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), entram na pauta dos acordos questões não atinentes a reajustes, mas a obrigações das empresas com os trabalhadores. Uma retomada mais forte da atividade econômica poderá contribuir para o aumento do número de negociações favoráveis aos trabalhadores, em especial, nos setores mais dinâmicos. O grande obstáculo é o desemprego elevado.

INFORME

Taxa de desemprego sobe para 13,1% no 1º trimestre do ano

Resultado representa 13,7 milhões de desocupados, aponta IBGE; no último trimestre do ano passado, taxa estava em 11,8% e na mesma época de 2017, o desemprego atingiu o pico em 13,7%

Daniela Amorim, O Estado de S.Paulo

RIO - A taxa de desocupação no Brasil ficou em 13,1% no trimestre encerrado em março, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados nesta sexta-feira, 27, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em números absolutos, o resultado representa 13,7 milhões de desocupados. O resultado veio em linha com o Projeções Broadcast que previa taxa de 12,2% a 13,5%, mas um pouco acima da mediana de 12,9%.

No trimestre móvel finalizado em fevereiro, com 13,1 milhões de brasileiros desempregados, a taxa estava em 12,6%, já mais alta também que no fim do quarto trimestre (11,8%). O confronto entre esses dois trimestres ainda revelou redução de 408 mil pessoas (- 1,2%) no total de empregados do setor privado com carteira de trabalho assinada. Na mesma época de 2017, contudo, o desemprego atingiu o pico, em 13,7%.

Segundo o coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azeredo, nesse período do ano é de se esperar um aumento da desocupação, por causa da dispensa de trabalhadores temporários: "Teve um movimento sazonal atuando, mas houve uma dispensa expressiva de trabalhadores e isso, conseqüentemente, se reverteu em uma perda expressiva de postos de trabalho e no aumento de pessoas na fila da desocupação".

Embora o início do ano seja desfavorável à queda da desocupação, há certa preocupação com o ritmo de recuperação do mercado de trabalho, assim como o da atividade econômica.

"Ou seja, da mesma forma que temos testemunhado em outros indicadores de atividade recentemente, houve mesmo uma melhora nas condições do mercado de trabalho, mas em um ritmo que continua a contrastar dramaticamente com as expectativas - com as quais não concordamos - de forte crescimento econômico em 2018", escreveram em relatório os economistas Jankiel Santos e Flávio Serrano, do Haitong Banco de Investimento do Brasil. / COLABOROU THÁIS BARCELLOS

(Fonte: Estado de SP – 27/04/2018)